

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA
CURSO DE MESTRADO EXECUTIVO EM GESTÃO EMPRESARIAL**

**O FUTURO DO EMPREGO SOB A ÓTICA DE UMA
NOVA MIGRAÇÃO DE RIQUEZAS ENTRE NAÇÕES À
LUZ DE UM MUNDO GLOBALIZADO.
*UM DEBATE ENTRE PAUL KENNEDY E DOMENICO
DE MASI***

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA E DE EMPRESAS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

ALEXANDRE DE MIRANDA GRAFF

Rio de Janeiro 2004

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA
CURSO DE MESTRADO EXECUTIVO

TÍTULO

O FUTURO DO EMPREGO SOB A ÓTICA DE UMA NOVA MIGRAÇÃO DE RIQUEZAS
ENTRE NAÇÕES À LUZ DE UM MUNDO GLOBALIZADO.
UM DEBATE ENTRE PAUL KENNEDY E DOMENICO DE MASI

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR:
ALEXANDRE DE MIRANDA GRAFF

E

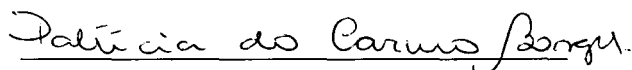
APROVADO EM 28/10/2004.
PELA COMISSÃO EXAMINADORA



ALEXANDRE LINHARES
DOUTOR EM PESQUISA OPERACIONAL



PAULO EMÍLIO MATOS MARTINS
DOUTOR EM ADMINISTRAÇÃO



PATRICIA DO CARMO BORGES
DOUTORA EM CIÊNCIAS – QUÍMICA ANALÍTICA

A minha esposa Luciana e a meus filhos Bruna e Tiago, pelos momentos
que deixamos de desfrutar no período de dedicação a esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor e orientador, Prof. Alexandre Linhares, por sua competência, paciência, dedicação e motivação com que me recebeu nos momentos de dúvidas, incertezas e preocupações ao longo desta tarefa de escrever a dissertação, além de ter me propiciado a iniciação a este tema durante suas aulas.

A minha esposa Luciana pelas revisões e sugestões ao texto, bem como pela colaboração na busca por bibliografia.

A meus pais, por seus exemplos acadêmicos que me deram força e apoio para realizar esta conquista.

A todos os colegas de turma, pelo aprendizado compartilhado e por permearem de alegria estes anos de curso.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação.

ÍNDICE

<u>1 – APRESENTAÇÃO DO ESTUDO</u>	<u>6</u>
<u>2. INTRODUÇÃO</u>	<u>11</u>
<u>3. AS NAÇÕES E A BUSCA PELA HEGEMONIA MUNDIAL</u>	<u>13</u>
<u>4. PAUL KENNEDY - UMA NOVA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL?</u>	<u>21</u>
<u>5. DOMENICO DE MASI - O TRABALHO E O EMPREGO NA SOCIEDADE PÓS INDUSTRIAL</u>	<u>28</u>
<u>6. PAUL KENEDY X DOMENICO DE MASI</u>	<u>36</u>
<u>7. CONCLUSÕES DO ESTUDO</u>	<u>43</u>
<u>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>48</u>

1 – Apresentação do Estudo

1.1. Objetivo

O objetivo final deste trabalho será desenvolver um estudo confrontando as teses defendidas pelo historiador Paul Kennedy e pelo sociólogo Domenico De Masi, apresentando os principais fatores que influenciam no processo de migração dos empregos para os países desenvolvidos ou em sua manutenção nos países em desenvolvimento, verificando se há sinais de flexibilização em tal processo como resposta ao rápido desenvolvimento tecnológico e / ou a expansão do “ócio criativo”.

O presente trabalho tem por finalidade pesquisar não as taxas de crescimento passadas e projetadas de trabalho, mas sim os fatores que surgem no limiar dos séculos XX e XXI relacionados ao trabalho humano e a uma possível rota de migração dos empregos existentes nos países menos desenvolvidos para as nações mais ricas do planeta o que levaria, por consequência, a uma desigualdade ainda maior entre as nações mais ricas e mais pobres, levando a um colapso social causado pelo agravamento da desigualdade nesta distribuição de renda entre os povos.

1.2. Abstract

The final objective of this work will be to develop a study collating the theses defended for the historian Paul Kennedy and sociologist Domenico De Masi, presenting the main factors that influence in the process of migration of the jobs for the developed countries or in its maintenance in the countries in development, verifying if it has signals of flexibility in such process as reply to the fast technological development and/ or the expansion of the "creative leisure".

The present work has for purpose to search not them last and projected taxes of growth of work, but yes the factors that appear less in the threshold of related centuries XX and XXI to the human work and a possible route of migration of the existing jobs in the developed countries for the nations richest of the planet what it would lead, for consequence, to a still bigger inequality it enters the poor nations richest and, leading to a social collapse caused by the aggravation of the inequality in this distribution of income between the peoples.

1.3.Contextualização do problema

Estamos no início do século XXI e o emprego é fator de preocupação para a população mundial, devido à grande explosão populacional ocorrida no último século, e também aos constantes avanços tecnológicos, que fazem com que máquinas substituam tarefas até então executadas exclusivamente pelos seres humanos. Esta preocupação no entanto não é nova e vem de longa data. Podemos verificar que no século XIX, já ocorriam

reivindicações, como a greve iniciada em primeiro de maio de 1886, em Chicago, resultando em centenas de mortos e feridos, e em prisões, onde a motivação era a luta por uma jornada de trabalho de oito horas. Em 1889, este dia foi escolhido para marcar a luta dos trabalhadores em defesa de seus direitos, sendo uma data celebrada até os dias de hoje.

Com as tecnologias atualmente existentes e os mercados financeiros globais parecemos estar no limiar de um novo tempo onde os empregos poderão mudar de local geográfico buscando maiores facilidades quanto ao emprego da tecnologia em detrimento da busca pela mão de obra barata.

Entretanto, os países que poderiam ser os portos para a recepção das fábricas que gerariam este emprego parecem já ter entrado em uma nova era, conhecida como “pós industrial”, e deste modo estar com sua população voltada para o “ócio criativo”, buscando mais qualidade não apenas em seu tempo produtivo, mas também em seu tempo livre.

1.4. Formulação do problema

Surgem diversos questionamentos para os administradores. Que fatores devemos considerar para determinar onde abriremos nossas fábricas? Qual é a maneira de atendermos a demanda existente em um determinado país? Como utilizar adequadamente a mão de obra existente?

Além disto, existem uma série de questionamentos feitos pela população mundial. Qual será o futuro do trabalho? As profissões tradicionais ainda existirão? Como poderemos

aproveitar nosso tempo livre? Quais atividades serão desenvolvidas em minha nação?

As perguntas citadas acima, dentre outras, podem ser consolidadas através da formulação do seguinte problema: Estão realmente criadas as condições para a migração dos empregos das nações em desenvolvimento para os países ricos? Esta questão será o foco principal deste trabalho de pesquisa.

1.5.Delimitação do estudo

Este trabalho será um ensaio que discorrerá sobre a bibliografia levantada a respeito do tema, a qual foi baseada em livros, revistas especializadas e jornais, os quais serviram de base de verificação dos critérios, conceitos, metodologias e aplicações relativas ao assunto em questão.

O estudo pretende restringir-se aos principais pontos abordados por Paul Kennedy como fatores determinantes para a migração dos empregos aos países ricos confrontados com a tese de Domenico De Masi de que estes mesmos países ricos não estão interessados em fábricas, mas sim em cultura, arte, e outros fatores por estarmos na “era pós-industrial”.

1.6.Relevância do estudo

No contexto atual do mercado brasileiro e mundial, cada vez mais competitivo e dinâmico, com elevados índices de desemprego em todo o globo, é importante analisar como pode se dar o desenvolvimento dos postos futuros de trabalho, visando o desenvolvimento de

políticas adequadas que venham a criar oportunidades para as novas gerações.

Além disso, o estudo pode auxiliar na sinalização do tipo de profissional futuro que o mercado de trabalho espera, além de sinalizar quanto ao um possível grande risco de empobrecimento generalizado de grande parte da população mundial, o que poderá levar a um caos social.

O presente trabalho apresenta relativa e suplementar relevância para os profissionais e os estudantes das áreas de administração, visto que fornece o levantamento de considerável bibliografia sobre o assunto em pauta e pode ser utilizado para esclarecer algumas das freqüentes dúvidas sobre o tema.

O foco deste estudo é refletir e analisar sobre o futuro do emprego nos países em desenvolvimento e nas nações ricas, através do maior entendimento a cerca de alguns de seus fatores críticos e dos novos papéis e cenários que estão surgindo na era “pós-industrial”.

2. Introdução

Esta dissertação terá como ponto de partida estudos publicados por Paul Kennedy em seu livro “Preparando para o Século XXI”. Paul Kennedy formou-se com louvor em História na Universidade de Newcastle e recebeu seu doutorado em Oxford. Lecionou, fez pesquisas e conferências em vários lugares da Europa e da América do Norte, tendo ainda publicado diversos livros.

Kennedy (1993) destaca que estão criadas as condições para que o fenômeno que ocorreu no século passado, de migração das indústrias e fábricas de países ricos para países pobres, seja revertido, e que haja então uma nova migração industrial alimentada pela automação, a qual iria, desta vez, aumentar a disparidade entre as nações.

Os estudos de Paul Kennedy serão confrontados com os do professor Domenico De Masi, um dos mais conhecidos estudiosos da sociedade atual e dos rumos que ela poderá tomar, que é mestre internacional de sociologia do trabalho. Sociólogo de formação nasceu em Rotelo na Itália em 1938, foi diretor de empresas, trabalhou como professor nas universidades de Sassari e de Napolis e hoje é titular de sociologia do trabalho na universidade de Roma.

De Masi (2001) nos leva a refletir que não haverá o movimento migratório fabril para os países ricos conforme sugerido por Paul Kennedy, e que o principal motivo para isto, é que estes países não mais estão interessados em expandir suas fábricas, mas sim em investir na

produção de bens não materiais, como patentes, arte e estética.

Focaliza-se ainda, no presente trabalho, a correlação existente entre os estudos apresentados por Paul Kennedy e confrontados por Domenico De Masi, com a busca pela hegemonia mundial, tão cobiçada pelas nações ao longo dos séculos, explorada por trabalhos de autores como Arrighi e Silver (2001)¹ e de Castells (1999)².

Neste sentido os trabalhos de Arrighi e Silver (2001) e de Castells (1999) procuram mostrar aspectos da globalização no que concerne ao poder dos estados e à dinâmica econômica e social em um período de transição do século XX para o século XXI, onde presenciamos o surgimento da era da Informação, a qual alterou substancialmente o modo de relacionamento de toda a sociedade, devido às grandes inovações tecnológicas surgidas nas últimas décadas.

¹ Arrighi, Giovanni e Silver, Beverly J., “Caos e Governabilidade No Moderno Sistema Atual”, 1a Edição, Contraponto Editora UFRJ, 2001

² Castells, Manuel, “A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – Volume 1 – A Sociedade em Rede”, 6a Edição, Editora Paz e Terra, 1999

3. As Nações e a busca pela Hegemonia Mundial

Arrighi (2001) inicia seu livro citando que o mundo atravessa um momento de grandes mudanças no sistema social histórico, agravado pelo final do sistema comunista que trazia uma certa estabilidade às relações sociais internacionais, o qual caracteriza-se pelo encerramento de uma era, e por deixar presente e futuro um tanto incertos.

E no encerramento desta Era, percebem-se características similares às ocorridas em outros momentos marcantes da história que resultaram na transferência da hegemonia entre diferentes nações, sendo primeiro da holandesa para a britânica e posteriormente da britânica para a americana.

É interessante quando notamos que estas duas transições da hegemonia, aconteceram entre os séculos XVIII para XIX ,e entre os séculos XIX para XX. À exceção de nações hegemônicas mais antigas, como a Espanha, vemos períodos similares ao que os Estados Unidos da América estão no ápice e, ao mesmo tempo, são claras as marcas de desgaste deste poder.

Quatro controvérsias são destacadas na obra de Arrighi (2001) de modo a mostrar uma analogia entre as transições hegemônicas anteriores e o período atual.

A primeira destas controvérsias refere-se ao equilíbrio de poder entre nações. A segunda refere-se não ao equilíbrio entre as nações, mas entre estas e as organizações empresariais. Já a terceira, refere-se às minorias e às atuais condições de trabalho e de vida da humanidade, e como elas se comparam às destes períodos históricos. Por fim, como quarta

controvérsia, temos a questão da troca de hegemonia do ocidente para o oriente.

Abordando a primeira das controvérsias, e cientes de estarmos em uma nova Era dominada pela Informação, como abordaremos mais à frente à luz dos estudos de Castells (1999), quem poderia surgir como novo Estado hegemônico? O colapso da União Soviética deixou a Rússia alijada desta disputa, por ser dispendiosa demais para uma nação que enfrenta inúmeros problemas ao tentar adaptar-se ao modelo capitalista.

O Japão parece ter sua extensão de poderio estagnada depois de uma fantástica recuperação do iene frente ao dólar, impulsionada em grande parte pelo salto tecnológico de empresas sediadas em seu território. A União Européia também apresenta um futuro incerto, seja pelas prováveis dificuldades que serão enfrentadas pelos membros do bloco para acordarem políticas competitivas, seja pela já existente negativa de importantes nações de aderirem ao grupo, como recentemente ocorreu com a Suíça, cuja população, exercendo seu direito de voto, optou por continuar “independente”.

Até mesmo os países considerados em desenvolvimento começaram a organizar-se e a lutar por seus ideais, em grande parte conduzidos e liderados pelo Brasil, que tem aumentado seu poder de diplomacia.

Porém, a maior expectativa é quanto a posição da China. Expecula-se que será a China a próxima potência e então ditará os rumos da sociedade nesta próxima Era. Especula-se ainda que em 30 anos a China será a maior economia do mundo. Tem a maior população do mundo, com mais de 1,3 bilhão de habitantes, com um idioma próprio e impenetrável. Tem feito um enorme esforço em busca do crescimento econômico, devidamente

recompensado, sem ferir seus preceitos comunistas. É a terceira nação a enviar um homem ao espaço, possui regiões onde a renda per capita ultrapassa os US\$ 25,000 e possui um grande número de empresas transnacionais instaladas em seu território.

Contrasta-se no entanto, a informação de seu PIB / Per Capita ser bastante baixo. Em 2000 o PIB / Per Capita da China era de US\$ 5.000, contra mais de US\$ 36.000 dos Estados Unidos, segundo informações disponíveis no site Index Mundi³. Metade da população chinesa vive em condição de miséria, com acesso à informação restrito e em um estado autoritário. Mas apesar de todas estas questões, é no passado que fica a grande interrogação quanto a capacidade da China em tornar-se uma potência, pois até a Revolução Francesa em 1789, ela era uma potência militar invencível e tinha todas as condições a seu favor para firmar-se como nação hegemônica, só que não o fez. Estaria então a China pronta a assumir esta liderança?

Como vimos rapidamente, podemos pensar na União Européia, Brasil, China, Japão ou qualquer outra nação ou bloco de nações, mas o certo é que ao longo das últimas duas décadas observam-se nações e blocos de nações que cada vez mais tentam impor-se perante o poder até então inquestionável dos EUA.

Entretanto, uma questão de extrema relevância, e que nos remete à segunda controvérsia apontada por Arrighi (2001) é que, segundo diferentes analistas políticos, todos os estados perderam poder para as organizações econômicas e políticas supranacionais. O surgimento e fortalecimento das organizações transnacionais, as quais operam em diversos países, sem lealdade a qualquer Estado nacional, e as facilidades criadas pelas redes de

³ Informação extraída do site <http://www.indexmundi.com>

comunicação, são fatores que contribuem para pensarmos, com ainda mais incerteza, no futuro das nações neste mundo globalizado. Não é possível deixarmos de considerar o fato de corporações como a Microsoft terem valor de mercado superior ao PIB de países considerados desenvolvidos, como o da Holanda⁴. Mas é curioso, com certeza, verificarmos um contraponto nos estudos de Castells (1999) : as grandes corporações deixam de reinar soberanas, para dependerem cada vez mais de uma rede de pequenas e médias empresas altamente especializadas.

A força destas organizações empresariais é possibilitada e destacada por Castells (1993) em seu livro *A Sociedade em Rede*. Neste livro o autor inicia conceituando o que seria a revolução da tecnologia da informação e trazendo o interessante conceito de que “computadores, sistema de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana”.

Ainda em seu primeiro capítulo, vemos uma citação de Castells (1999), quando este descreve os períodos anteriores referentes à Revolução Industrial “como um período de transformação tecnológica em aceleração e sem precedentes” em comparação com os padrões históricos. Nesta passagem, percebemos uma convergência entre os pensamentos de Arrighi (2001) e de Castells (1999). Castells também deixa claro que existem fatores no presente similares a fatores passados que sugerem o início de novos tempos.

Castells chama, como vimos anteriormente neste artigo, esta nova era de Era Informacional, Global e em Rede, destacando a importância da tecnologia e da Internet em

⁴ Em 2002, o PIB da Holanda foi de US\$ 434 Bilhões, segundo o site <http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?c=nl&v=65>, enquanto a Microsoft possuía um valor de mercado de US\$ 500 Bilhões, conforme informações disponíveis no site <http://finance.yahoo.com/q?s=MSFT&f=snlcvi>

sua concepção e sustentação. Esta nova Era é informacional devido à dependência da economia girar em torno de agentes que possam gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É global devido às atividades das organizações estarem descentralizadas, de modo direto ou indireto através de redes empresarias que dão exatamente a terceira característica fundamental desta Era.

Um dos pilares desta nova Era, a tecnologia, foi o propulsor que possibilitou às organizações tornarem-se independentes em relação às nações, isto porque é possível “espalhar” por qualquer local do globo suas atividades produtivas, o consumo e a circulação de seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, informação, mercados, administração, e tecnologia).

E exatamente esta dita “independência”, aliada ao porte gigantesco que algumas destas organizações vêm assumindo, é que levam vários analistas a alertar para o perigo a que as nações ficam expostas, pois as atividades podem ser transferidas facilmente de um lado para o outro do mundo, conforme, unicamente, o interesse pontual do mercado.

Tanto Castelles (1999) quanto Arrighi (2001) destacam a questão dos “Mercados Financeiros Globais” e suas capacidades de transferirem recursos financeiros incalculáveis em questão de segundos de um país para outro, funcionando pela primeira vez na história em tempo real e sendo considerado por Castells como “a espinha dorsal da nova economia global”, por ser o desempenho do capital nos mercados globais que decide, em grande parte, o destino das economias mundiais. Como exemplo real desta questão levantada

pelos dois estudiosos acima, recentemente, a mídia mundial divulgou⁵ o comunicado de que um dos maiores grupos financeiros mundiais, o HSBC, estaria encerrando aproximadamente cinco mil postos de trabalho na Grã-Bretanha, transferindo-os para a Índia, Malásia e China.

Assim, vemos que a influência das organizações transnacionais na economia mundial pode ser decisiva no desenvolvimento das nações e de sua população. Entra aqui, então, uma interseção entre a segunda e a terceira controvérsias levantadas por Arrighi (2001) e que é abordada por Kennedy (1993) como veremos mais a frente.

Arrighi (2001) aborda esta questão com dois enfoques. O primeiro com relação às boas condições trabalhistas. Neste viés apresenta várias opções, mas parece, no fim, concordar que a criação de um mercado de trabalho mundial único é benéfico aos trabalhadores que tendem a ter mais poder de pressionar pelos seus direitos e interesses. Destaca também, a migração do trabalho rural e a entrada da mulher no mercado de trabalho, como formas de promover seus direitos e sua autonomia.

O segundo viés refere-se a guerras étnicas, como entre brancos e não brancos ou entre povos de diferentes religiões. De acordo com as colocações de Arrighi (2001), esta questão do choque entre civilizações surge devido ao ressentimento da política dominadora ocidental, através de sua disseminação de cultura, valores e interesses.

Já Castells (1999) nos apresenta uma série de dados estatísticos referentes ao nível mundial de emprego, defendendo que na verdade há uma migração do tipo de emprego e não uma

⁵ Reportagem Publicada no Jornal "O Globo" de 11 de maio de 2004

diminuição deste causada pela globalização. Novamente analisando o presente para tentar prever o futuro com base em experiências passadas, a pergunta que nos é deixada pelo autor é de por que o início desta nova era seria mais duro do que de eras anteriores, como a industrial, onde os receios iniciais eram, no mínimo, iguais aos de hoje. Serve, então, este capítulo como esperança a milhões de trabalhadores no mundo que sofrem com altas taxas de desemprego e remunerações não dignas da condição humana.

A quarta controvérsia abordada por Arrighi (2001), segundo a qual, as transições hegemônicas, até então estão baseadas, entre outras coisas, no acesso privilegiado aos recursos asiáticos, não será detalhada por não estar nos objetivos deste estudo.

Cabe ressaltar que o processo de globalização não foi um processo em série, marcado por uma brusca ruptura, onde o surgimento de uma nova potência acontece em substituição à anterior, mas sim, um processo marcado por crises e rupturas que levam à nova potência hegemônica, conforme demonstrado na figura abaixo:

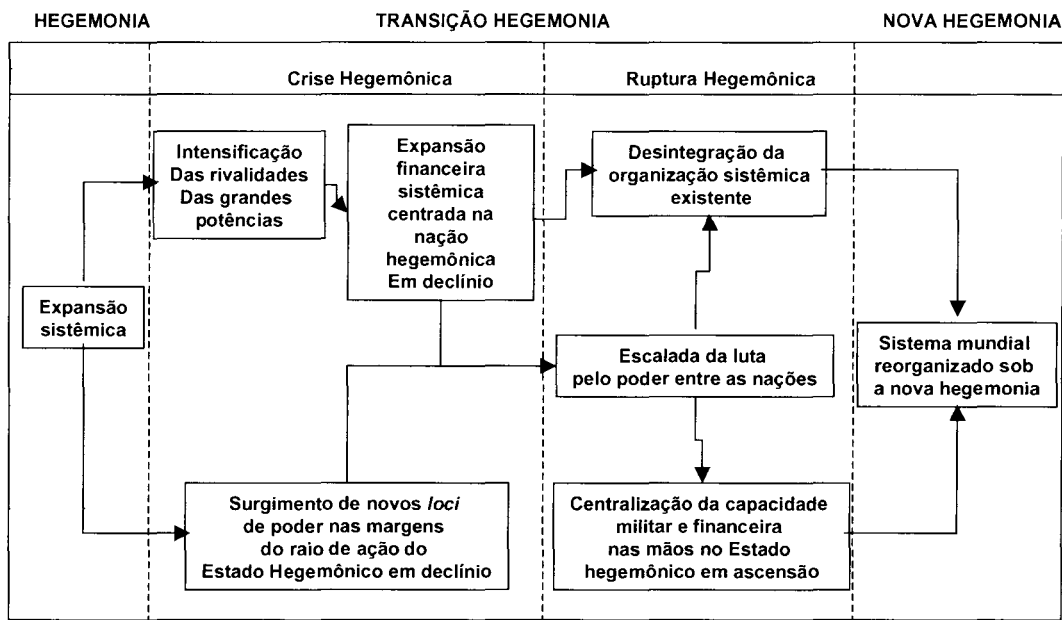


FIGURA 1

O processo descrito acima, aconteceu nas transições hegemônicas anteriores e o cenário, diagramado, parece repetir-se, conforme explanado em todo o texto.

4. PAUL KENNEDY - Uma Nova Revolução Industrial?

Segundo o estudo de Paul Kennedy, estamos vivendo na iminência de uma nova revolução industrial, a qual traz consigo, à vista de Paul, ameaças perturbadoras.

Assim como a revolução industrial do século XVIII, iniciada na Grã-Bretanha, deixou seus observadores amedrontados com os efeitos da industrialização e da implantação de um “sistema fabril” sobre a sociedade, hoje, 200 anos mais tarde, podemos perceber a mesma apreensão em nossos atuais estudiosos.

Durante estes 200 anos que sucederam a revolução industrial, o elemento chave da indústria era a reunião de seres humanos num local de trabalho, com um maneira padronizada de trabalhar e dentro de um ritmo determinado pelas máquinas. Além disso, os trabalhadores possuíam turnos fixos para executar suas tarefas e ganhavam um salário por hora. Isto tudo culminou com a criação de um proletariado urbano e com a incerteza de como tratar com a massa de artesãos, tecelões e outros que perderiam os empregos para o sistema fabril e com os “sindicatos” que lutariam contra a ociosidade.

Hoje, nos encontramos envolvidos na substituição do homem na fábrica por robôs e outros equipamentos automatizados. Apesar das diversas modificações nos processos de manufatura e montagem, o elemento-chave do trabalho industrial era a reunião de seres humanos num lugar de trabalho. E neste momento estamos testemunhando uma revolução promovida pela tecnologia, a qual, devido a substituição dos trabalhadores das fábricas por robôs, a fim de aumentar a produtividade, retira um número cada vez maior de seres humanos das fábricas.

O uso da robótica, no entanto, deve ser analisado cautelosamente, pois esta possui muitas aplicações, de variados níveis de complexidade. Há diferenças importantes entre os robôs industriais, os robôs de campo e os robôs inteligentes. Os primeiros são máquinas destinadas a fazer várias tarefas automaticamente. Já os robôs de campo são projetados para operar num ambiente não estruturado. São usados normalmente em operações difíceis ou perigosas. Por fim, os robôs inteligentes são projetados para usar inteligência artificial para resolver problemas tal como fazem os seres humanos. Por esta descrição deduz-se que, quanto mais complexa a tarefa, mais distante os robôs estão de substituírem realmente os homens. O que está acontecendo é a substituição em áreas onde a linha de produção exija movimentos uniformes, repetitivos.

Mesmo tendo tarefas que exigem atos independentes, como a de advogados, médicos, professores, dentre outros, poupados por esta iminente revolução, é grande a preocupação com os países chamados em desenvolvimento.

Assim como a máquina a vapor no século XVIII, os robôs apresentam uma nova maneira de fazer as coisas e ao mesmo tempo reduzem o esforço físico dos trabalhadores e aumentam a produtividade geral. Um processo que cria novos empregos, porém mais especializados, e acaba com muitos outros, além de ser um estímulo à mudança social e a novas definições do trabalho.

Esta nova revolução industrial é impulsionada pela tecnologia e poderá fazer com que os países situados na base da pirâmide continuem ali ou afundem ainda mais, pois os países da Europa e os Estados Unidos estão muito melhor preparados do que as sociedades do

mundo em desenvolvimento, pelo menos no que diz respeito a ativos físicos e intelectuais. Conclui-se isto porque a robótica afeta a competitividade internacional elevando a produção PER CAPITA dos países que investem pesadamente na nova tecnologia e enfraquece a posição relativa, a longo prazo, de sociedades incapazes de fazer o mesmo.

A robótica, hoje, encontra-se em fase inicial e concentra-se basicamente em um só país – Japão. O Japão tem muitos pontos fortes para o emprego da robótica em suas indústrias: força de trabalho altamente educada; capital fácil a baixas taxas de juros; altos níveis de investimento em pesquisa e desenvolvimento; dedicação a projetos de alta qualidade e produção super eficiente; apoio e política de governo; demografia; apoio sindical, dentre outros. Já as condições em países como os Estados Unidos são muito menos favoráveis, visto que não há investimentos governamentais no ramo; há o “receio” por parte dos sindicatos de os robôs tirarem o emprego dos seres humanos; há a pressão de Wall Street sobre as empresas para manterem altos lucros e etc.

Enfim, podemos verificar que a robótica provavelmente evoluirá, segundo Paul Kennedy, onde houver uma forte “cultura de engenharia”, elevados padrões médios de vida per capita e altos custos de mão-de-obra, além de uma reserva decrescente de trabalhadores especializados, em consequência do menor crescimento demográfico. Provavelmente progredirá menos onde o investimento na manufatura for baixo ou onde os sindicatos temerem que os robôs tirem empregos. Paul acredita também que a economia do investimento em automação e as estruturas demográficas e social constituem os elementos-chaves desta nova revolução.

Para criar sua própria revolução robótica, um país em desenvolvimento precisa de

excedente de capital, um grande número de engenheiros e cientistas e a escassez de mão-de-obra. Considerando então que os países em desenvolvimento dispõem de poucos recursos de capital e têm um número relativamente pequeno de engenheiros e cientistas e ainda, com o seu maior problema, a força de trabalho ociosa, não há justificativa econômica nem social para estimular o sistema de manufatura que economiza mão-de-obra, isto é, a implementação da robótica.

A robótica envolve a automação do processo de manufatura, o que por sua vez provoca um aumento da produtividade na manufatura, aumentando o poder relativo de empresas e países que têm capacidade de automatizar e resolver as conseqüências sociais da automação. Esse abismo que pode ser criado é uma conseqüência final da robótica, que por sua vez gera também uma possível modificação no equilíbrio econômico mundial, fazendo com que a supremacia afaste-se da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos para beneficiar o Japão e a Alemanha, países que já vêm investindo continuamente na robótica.

Considera-se também que uma possível conseqüência desse não aparecimento de uma indústria robótica no mundo em desenvolvimento seria empresas multinacionais estabelecerem a fabricação automatizada nesses países, afim de conseguir uma produção a baixo custo. Hoje podemos verificar o acontecimento deste fato em países como Tailândia, Malásia e até a própria China. Estes, no entanto, tiveram, por sua vez, uma rápida industrialização, trazendo benefícios gerais, pois, apesar de serem “relegados a montagem de peças de equipamentos de alta tecnologia para consumo em países industriais”, isso é melhor do que a falta total de emprego industrial.

Com esta situação surge, então, a questão: por que não trocar a montagem feita pela mão-de-obra barata em suas fábricas nos países em desenvolvimento, pela montagem automatizada? Por que isto exigiria mão-de-obra especializada, da qual não dispõem a maioria dos países em desenvolvimento, infra-estrutura adequada no ramo de energia, telecomunicações, rodovias, portos, dentre outros. Enfim, qual seria a vantagem de investir em montagem automatizada se o país em desenvolvimento continua oferecendo sua vantagem de uma mão-de-obra barata?

Tendo como exemplo uma fábrica japonesa de gravadores, a qual reagiu à aguda escassez de mão-de-obra e a uma intensa concorrência de competidores onde o trabalho é barato, rejeitando a idéia de transferir a produção para países mais baratos e sim voltando sua direção para a automação maciça, fazendo com que em pouco tempo sua linha de montagem, que anteriormente utilizava 340 trabalhadores passasse a apenas 16 trabalhadores, conclui-se que as empresas multinacionais, em certas indústrias, que já transferiram a produção de um país para o outro de acordo com os diferentes custos de trabalho, obterão maiores vantagens avaliando se os salários no mundo em desenvolvimento são maiores ou menores do que os “custos do robô” na fábrica automatizada instalada em seu país de origem.

Enfim, é real que a substituição em massa dos trabalhadores de fábrica não acontecerá da noite para o dia, mesmo porque há sempre o aumento na oferta de mão-de-obra barata, o que diminui o ritmo da automação em muitas sociedades. Deve-se, no entanto, considerar que as implicações a longo prazo são perturbadoras e ameaçam agravar o dilema global, pois apesar das empresas multinacionais serem beneficiadas com a diminuição dos valores do trabalho e por mais maravilhosa que seja a tecnologia por trás da revolução industrial,

não se vê uma solução para a crise demográfica global.

Kennedy (1993) apresenta as hipóteses de que, em um mundo globalizado e sem fronteiras, os administradores são estimulados a pesar constantemente as vantagens relativas da produção ou da prestação de serviços de uma parte do mundo em oposição a outras partes e, com isto, estão se formando condições para que as multinacionais voltem suas operações para os países avançados tecnologicamente.

Em suma, este historiador defende a tese de que existem as condições para que o valor do trabalho humano caia no século XXI, devido aos investimentos e avanços nas inúmeras tecnologias relacionadas. Por outro lado, a oferta de trabalhadores deve crescer, já que a população do globo está prestes a ganhar alguns bilhões de novos habitantes neste século.

Ao mesmo tempo, ressalta a existência de nações que investiram pesadamente em tecnologia, reduzindo sua necessidade humana para operação de fábricas e sistemas, como EUA, Japão, Alemanha, Inglaterra, Itália e outros vários países considerados desenvolvidos.

Segundo Kennedy (1993), esta explosão populacional em uma parte do mundo e a explosão tecnológica em uma outra parte distinta, não é uma boa receita para a estabilidade da ordem mundial. Isto porque Kennedy (1993) destaca que estão criadas as condições para que o fenômeno, que ocorreu no século passado, de migração das indústrias e fábricas de países ricos para países pobres seja revertido, e que haja então uma nova migração industrial alimentada pela automação, a qual iria, desta vez, aumentar a disparidade entre as nações.

Desta maneira, o desemprego tornaria-se preocupante. Impulsionados pela automação em quase todos os setores de produção, trabalhadores humanos são drasticamente substituídos por sistemas mecanizados. . Consta-se, ainda, o aumento da falta de perspectiva para o cidadão médio, tratado como artigo descartável em decorrência dos sistemas automatizados. O resultado é o aumento da violência nas grandes cidades. Considera-se que o perfil sociológico da violência atual tem sua origem nas comunidades de trabalhadores que foram deixados para trás com a entrada da sociedade da informação e da automação.

Kennedy conclui que "A história de ganhadores e perdedores na História continuará, só que, desta vez, as comunicações nos lembrarão as disparidades".

Paul Kennedy recorre à analogia com o pastor Thomas Malthus⁶ para interpretar o futuro do mundo do trabalho. "Apesar de todas as dificuldades, a Inglaterra de Malthus talvez estivesse em melhor situação". Malthus foi o autor da apocalíptica previsão sobre o futuro da humanidade, pois a produção de alimentos crescia de forma aritmética enquanto a população avançava geometricamente: a fome seria inevitável no mundo. A tecnologia se encarregou para que as profecias de Malthus não fossem confirmadas. No entanto, essa mesma tecnologia também contribuiu para que o futuro do trabalho se transformasse em imenso ponto de interrogação.

⁶ Em 1798, Malthus escreveu e publicou sob anonimato o seu célebre livro, *An Essay on the Principle of Population, as It affects the Future Improvement of Society: with Remarks on the Speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet and Other Writers* (Um Ensaio sobre o Princípio da População que Afetam o Melhoramento Futuro da Sociedade: com Observações sobre as Especulações do Senhor Godwin, Monsieur Condorcet e Outros Escritores), uma obra essencialmente polêmica, dirigida os autores e as idéias utópicas oriundas da Revolução Francesa.

5. Domenico De Masi - O Trabalho e o Emprego na Sociedade Pós Industrial

Domenico De Masi possui diversos livros e publicações que abordam a questão central deste estudo, porém para compreendermos a dimensão de suas idéias, devemos paralelamente, analisar as chamadas sociedades industrial e pós-industrial.

A Sociedade Industrial constituiu uma fase muito breve da história humana – metade do séc XVIII à metade do séc XX - porém não se formou de repente e tampouco foi ultrapassada de repente pela sociedade pós-industrial.

Segundo Domenico, podemos enumerar as características da sociedade industrial da seguinte maneira:

- Concentração de grandes massas de trabalhadores assalariados nas fábricas;
- Predomínio numérico dos trabalhadores no setor secundário em comparação aos dos setores primário e terciário;
- Predomínio da contribuição prestada pela indústria à formação da renda nacional;
- Aplicação das descobertas científicas ao processo produtivo na indústria;
- Racionalização progressiva e aplicação da ciência na organização do trabalho;
- Divisão social do trabalho e sua fragmentação técnica cada vez mais capilar e programada;
- Separação entre o lugar onde se vive e o local de trabalho, entre sistema familiar e sistema profissional, com a progressiva substituição da família extensa pela família nuclear;
- Progressiva urbanização e escolarização das massas;
- Aumento da produção de massa e crescimento do consumismo;

- Existência de uma rígida hierarquia entre os vários países, estabelecida com base no Produto Nacional Bruto, na propriedade das matérias-primas e dos meios de produção.

Na sociedade pós-industrial, onde a riqueza provém da arte e da ciência (mais rentáveis e menos poluentes que os bens materiais), o sociólogo italiano preconiza um estilo de vida que inclui estudo e lazer. "Esta é a única forma de produzir idéias geniais", afirma De Masi, ressaltando que estas idéias é que serão as grandes riquezas das nações.

De Masi preconiza o "ócio criativo", uma forma inteligente e construtiva de utilizar o tempo. A lógica é simples: a média de vida da população, hoje, é mais do que o dobro da média de nossos antepassados, ao passo que o progresso tecnológico e o desenvolvimento organizacional, característicos da sociedade pós-industrial, surgida na metade do Século XX, permitem produzir mais com menos esforço.

De Masi argumenta que "um homem que vive 60 anos viverá cerca de 530 mil horas. Se trabalhar 40 anos, trabalhará 80 mil horas. Outras 220 mil horas serão dedicadas aos chamados cuidados com o corpo (dormir, alimentar-se, tomar banho, etc). O que fazer com as restantes 230 mil horas? Temos todo esse tempo para descansar e viver". O ócio criativo consiste, exatamente, em saber empregar o tempo livre, unindo o trabalho com o conhecimento e o lazer e diversão. "Podemos organizar nosso tempo e fazer com que todos os três coincidam. Esta é a única forma de produzir idéias geniais", afirma Domenico.

Para as empresas da era pós-industrial, voltadas para a produção de bens não materiais (valores, serviços, informação, estética, etc.) e que dependem da criatividade para permanecer no mercado, De Masi propõe uma revisão das regras que controlam a

produção intelectual. "No trabalho manual, dobrando o tempo, tínhamos o dobro de quantidade, mas não se pode dizer o mesmo do trabalho intelectual, que não tem tempo nem lugar. O controle não serve para nada, senão para inibir a criatividade".

Outra observação importante na sociedade pós-industrial diz respeito à atitude para com a inovação e a função que ela exerce. Na sociedade pós-industrial, a nova divisão internacional do poder e do trabalho determina relações muito desiguais entre os vários países: alguns produzem a inovação, outros a sofrem. Os que produzem adquirem a consciência do próprio poder e, exercendo-o, aumentam-no. Os outros percebem a própria condição de dependência e isto os faz perder a confiança. Esta perda da confiança não está isenta de conseqüências prejudiciais para quem a experimenta: quando um povo ou um grupo tem a sensação do próprio declínio, ocorrerá uma aceleração deste, pois ele perderá a capacidade de projetar e produzir seu futuro.

Na transição da sociedade industrial para a pós-industrial passam a conviver de modo turbulento tanto os remanescentes da época rural quanto a presença industrial e as inovações pós-industriais. De fato, a passagem de uma fase para outra não significa uma substituição radical da primeira pela segunda, e sim que um elemento se torna central em lugar de outro, o qual perde a própria hegemonia, mas não sua presença e influência. Por isso, não se deve concluir que a sociedade pós-industrial será mais rica e trará melhores condições de vida para todos em relação à sociedade industrial. É provável que as diferenças entre grupos hegemônicos e massas subalternas se tornem mais acentuadas. Algo semelhante com a transição entre a era rural e a sociedade industrial ocorre em nossos dias: temos consciência de que a nova sociedade não mais se caracteriza pelo modo de produção industrial, mas ainda não conseguimos compreender que fator ou processo

ocupará a posição determinante ocupada pela indústria por duzentos anos. Alguns autores arriscam dizer que será a informação, outros o impacto da programação, enfim diversos são os rótulos atribuídos à sociedade atual, e esta própria quantidade e a disparidade das denominações fornece motivos suficientes para não aceitarmos nenhuma delas. Não existe a certeza cientificamente necessária quanto ao elemento que caracterizará o sistema social que vai se esboçando. Aliás, é provável que um dos novos traços distintivos do novo sistema social seja o fato de ser policêntrico, e de se basear em uma estrutura reticulada de processos e de elementos, nenhum dos quais poderia, isoladamente, determinar a dinâmica do todo. Assim sendo o termo “sociedade pós-industrial” não é com certeza impecável, mas, por enquanto, é o menos ruim, justamente por sua indefinição que não nos obriga a privilegiar algum fator.

Tendo em mente a dificuldade em identificar e fixar as características essenciais desta nova grande mudança em andamento nos nossos dias, assim como aconteceu no final do século XVIII e no início do século XX com a transição da sociedade rural para a industrial, fornecemos agora um esquema comparativo entre as sociedades pré-industrial, industrial e pós industrial.

	<i>Sociedade Pré-industrial</i>	<i>Sociedade Industrial</i>	<i>Sociedade Pós-Industrial</i>
Período	Até o século XIX	Da metade do século XVIII até a metade do século XX	Desde a Segunda Guerra Mundial
Instituições básicas	Dinastias, igreja, exército, família patriarcal, grupos primários.	Estado, empresa, sindicato, banco, família nuclear, grupos secundários, partidos.	Universidades, institutos de pesquisa e de cultura, grandes empresas de comunicação de massa, bancos, família instável. Grupos primários e secundários.
Organização do Estado	Regimes autoritários dinásticos.	Democracias representativas e Estado do bem-estar, instituições rígidas, democracia associativa, socialismo real, Estado intervencionista.	Democracias representativas, neoliberalismo e Estado do bem-estar, instituições flexíveis, participacionismo.
Recursos principais	Terra, matérias-primas, alto índice de natalidade.	Meios de produção, matérias-primas, patentes, produtividade.	Inteligência, conhecimento, criatividade, informações, laboratórios científicos e culturais.
Setor econômico dominante	Extrativismo, criação de animais, agricultura, pesca, exploração das florestas e das minas, produção para consumo próprio. Setor primário.	Produção de bens: fabricação, transformação, distribuição. Setor secundário.	Produção de idéias e fornecimento de serviços: transportes, comércio, finanças, seguros, saúde, instrução, administração, pesquisa científica, cultura, lazer. Setor terciário.
Estrutura profissional	Camponeses, mineiros, pescadores, operários não-qualificados, artesãos.	Operários, engenheiros, empresários, funcionários de escritório.	Profissionais liberais, técnicos, cientistas, indústria do lazer, tecno-estrutura.

Local típico	Campo, pequenos centros urbanos, loja do artesão, manufatura.	Instalações industriais, fábrica, escritório, cidade, urbanização.	Difusão da informação, laboratórios científicos, trabalho domiciliar "on-line", urbano, fábrica descentralizada. Dimensões adequadas.
Recursos	Matérias-primas, instrumentos flexíveis. Fazer à mão.	Energia, instrumentos rígidos, linha de montagem. Fazer com a máquina.	Eletrônica, informática, biogenética, tecnologias intelectuais e adequadas. Fazer com que a máquina faça.
Desafios	Mortalidade infantil, fome, doenças, necessidades "materialistas", escassez.	Crise energética, alienação, poluição, desperdício dos recursos, anomia, disparidades sociais, guerra. Segurança no trabalho.	Qualidade de vida, saúde psíquica, conformismo, guerra, necessidades pós-materialistas. Preocupação com o ambiente.
O que está em jogo e conflitos sociais.	Domínio e sobrevivência, subordinação e revoltas, guerras locais.	Propriedade dos meios de produção, apropriação da mais valia, poder de compra, conquista dos mercados. Luta de classes, conflito industrial, guerras mundiais.	Elaboração e imposição dos modelos de programação, gestão do saber, "Know-how". Movimentos sociais, conflitos urbanos, guerra atômica e destruição da humanidade.
Atores sociais centrais	Proprietários de terras, aristocratas, senhores. Camponeses, artesãos, plebe.	Empresários, trabalhadores, sindicatos.	Técnicos, mulheres, cientistas, administradores da informação, intelectuais.
Estrutura de classe	Senhores, servos.	Burguesia, classes médias, proletariado.	Dirigentes, dominantes. Contestadores, dominados.

Fator de coesão	Solidariedade mecânica, dimensões limitadas, origem comum, fé.	Solidariedade mecânica, ideologia, solidariedade de classe, organização formal, objetivo comum, comunicações.	Solidariedade programada, redes múltiplas de comunicação, participação no grupo, objetivo comum, aldeia global.
Fator de mobilidade social	Nascimento, herança, sucessão, afiliação.	Nascimento, herança, merecimento, espírito empreendedor, cooptação, clientelismo, carreira.	
Metodologias	Experiência imediata, bom senso, tentativa e erro, ação e reação, sabedoria.	Empirismo e experimentação, busca de soluções, descoberta, organização científica do trabalho, padronização, especialização, sincronização, concentração, maximização.	Teorias abstratas: modelos, simulações; análise de sistemas; pesquisa dos problemas; invenção; enfoque científico dos processos de previsão, de programação, de decisão; desregulamentação e descentralização.
Relações com o tempo e espaço	Orientação para o passado, força da tradição, resposta imediata; tempos sincronizados com a natureza; disponibilidade de tempo; sentido do além.	Adaptação conjuntural às necessidades: Planejamento a médio prazo; cálculo científico dos tempos e sua redução, ritmo padronizado e imposto, baseado na máquina; vida baseada no tempo de trabalho.	Orientação para o futuro; cenários e previsões a longo prazo; ritmo de trabalho escolhido e individualizado, baseado no próprio indivíduo; vida baseada no lazer.
Dimensão local	Coincidência do lugar onde se vive com o lugar onde se trabalha	Dimensão multinacional; lugar onde se trabalha separado do lugar onde se vive. Unidade de tempo e de lugar.	Dimensão transnacional; conexões telemáticas e televisivas de todos os lugares.
Estrutura psíquica	Personalidade	Personalidade edipiana	Personalidade narcisista

Vantagens	Ritmos lentos, equilíbrio com a natureza, autogestão, pouca burocracia, solidariedade primária.	Consumo de massa, mobilidade geográfica e social, domínio da natureza, igualitarismo.	Educação de massa, acesso às informações, lazer, invenção da natureza, redução da incerteza.
Desvantagens	Miséria, servidão, mortalidade infantil, ignorância, fadiga física.	Alienação, competitividade, desperdício, anomia, fadiga psicofísica, exploração.	Manipulação, direção externa, controle externo, massificação, marginalização, desemprego, fadiga psíquica.

Completando sua análise da sociedade pós-industrial Domenico De Masi se pergunta que desdobramentos ocorrerão nas “relações industriais”? As novas formas de organização do trabalho, sobretudo a redução da carga horária e o trabalho on-line, obrigarão os sindicatos a rever as próprias estratégias e as próprias estruturas, mas as mudanças não se limitarão a isto, pois mesmo quando a situação social estiver organizada segundo o modo pós-industrial, o sindicato terá de escolher entre uma atitude defensiva e uma disposição a participar e a apresentar propostas, sobretudo nas empresas que desfrutam de relativa estabilidade. A grande força que o sindicato conservará, em todo caso, poderá ser usada para opor-se às inovações, correndo o risco de passar ao largo da produção do futuro, que se realizaria contra ele, e não graças a ele.

Para que possamos perceber as admiráveis perspectivas do advento da era pós-industrial, evitando a tentação do suicídio total, é necessária também uma profunda transformação interior, individual e coletiva.

6. PAUL KENEDY x DOMENICO DE MASI

Sem sabermos exatamente o quanto seria sustentável o poder das organizações empresariais transnacionais levantado por Castells (1999), como descrito anteriormente, sem o suporte específico de um Estado Nacional ainda mais forte, somos remetidos às considerações de Paul Kennedy (1993) de que podemos estar dando um passo para um mundo com uma pior distribuição de riquezas do que o cenário atual.

Como vimos, as hipóteses apresentadas por Kennedy são confrontadas com a percepção de outros pesquisadores de que os países chamados do primeiro mundo preferem dedicar seus esforços não à produção fabril, mas sim à produção de idéias, patentes, informações, ciência, arte e diversão, como cita Masi (2003).

Independentemente de qual linha de pesquisa (Kennedy ou de Masi), achemos mais correta, é inegável o impacto que ambos diagnosticam que haverá em relação aos países em desenvolvimento e à força de trabalho, principalmente a menos capacitada.

No complexo cenário mundial de transformação e ruptura apresentado na Figura 1, Kennedy afirma estarem criadas as condições que levarão milhões de empregos a saírem dos países do chamado Terceiro Mundo, onde hoje estão instalados, para serem recriados, mesmo que em menor escala, nos países mais avançados tecnologicamente. Estas condições estariam sustentadas pelos seguintes fatores:

- (i) Empresas multinacionais escolhem seus sites de operação independentes das populações e governos, baseando-se nos custos;
- (ii) Os custos de produção no século XX tornaram-se relativamente mais caros nos países industrializados, à medida que o nível salarial aumentava;
- (iii) Houve, então, uma gradual migração industrial ao longo do século XX, em que fábricas migraram de Detroit para o México ou para o Brasil; indústrias migraram do Japão para o Vietnã ou Tailândia; e esta migração diminuiu gradualmente a disparidade relativa de riquezas entre estes países.
- (iv) Kennedy (1993) argumenta que os avanços tecnológicos em robótica, mecatrônica, inteligência artificial, e outras tecnologias que minimizam a necessidade de trabalho humano, ou de supervisão do mesmo, e gradualmente alteram o balanço de custos das empresas, de forma que é possível que em algumas décadas seja mais econômico produzir itens de forma altamente automatizada no Japão ou na Alemanha, do que com os custos de pessoal envolvidos nos países pobres. Desta forma, Kennedy vê condições para que haja uma lenta e gradual migração industrial de retorno aos países ricos.

Entretanto, segundo De Masi, a criatividade é o maior capital dos países ricos e que detêm o poder, aqueles que dominam o capital intelectual, que vivem e dependem dele literalmente. Apesar disto, a sociedade pós-industrial ainda é gerenciada por critérios rurais. Este sociólogo defende que o século XXI será dominado pelos países que souberem gerenciar o tempo livre. Mas ressalta que isto requer um pouco de tempo e destaca que, nos últimos séculos, passamos por três épocas importantes. Uma época dominada pela produção rural na qual o poder estava nas mãos dos donos de terra. Esta época durou cerca de 7 mil anos. Depois, no fim do século XVIII e durante todo o século XIX houve uma grande revolução, a qual hoje chamamos de revolução industrial. Esta revolução causou um transtorno geral. A sociedade não estava mais centralizada na

produção de bens rurais, mas na produção em grande escala de bens materiais. A sociedade industrial não abriu mão dos produtos rurais. Abriu mão dos camponeses, substituindo-os por adubos, tratores e etc. Graças à sociedade industrial e também aos sacrifícios terríveis que a sociedade industrial impôs ao mundo, incluindo duas grandes guerras mundiais, hoje essa própria sociedade industrial, gerou uma sociedade totalmente nova, chamada de sociedade pós-industrial. Esta última, não é mais uma sociedade centralizada na produção em grande escala de bens materiais, mas sim na produção em grande escala de bens não materiais. Ou seja, informações, serviços, estética, valores, símbolos.

De Masi afirma que hoje o poder está nas mãos de quem tem o monopólio das idéias, das pesquisas científicas, das patentes, da mídia de massa. Destaca ainda que um país não é evoluído se tem muitos supermercados e muitas fábricas. Estes, que na era industrial indicavam o progresso, indicam hoje uma situação intermediária entre primeiro e terceiro mundo. Este sociólogo prevê uma sociedade baseada no ócio criativo, o novo estágio do desenvolvimento social, após a agricultura e indústria.

Neste sentido, a tecnologia se encarregaria do trabalho pesado e, conseqüentemente, da redução da jornada de trabalho, deixando a humanidade liberada para atividades intelectuais. Para ele, isso já estaria acontecendo. Exemplos? Na Itália, a sofisticada Milão, com foco em turismo, moda, design e cultura, transformou-se em vanguarda desenvolvimentista. A vizinha Turim, ainda dependente da indústria automobilística, patina.

É interessante notarmos também, a evolução do controle organizacional ao longo do tempo. Observando as alterações ocorridas com o surgimento das grandes empresas, e da nova organização do trabalho após a 2ª Guerra Mundial, refletimos sobre os rumos que esta questão está tomando, quando estamos em meio a mudanças significativas, colocadas por todos os autores já citados, na forma como se relacionam as organizações entre si e com a sociedade em geral, devido às novas tecnologias disponíveis.

Neste ponto, também Cristina Carvalho⁷ faz observações interessantes que corroboram a tese de De Masi em detrimento da de Paul Kennedy, quando afirma que não somente a evolução das organizações pode nos levar a entender a evolução do controle do poder, mas também a evolução da sociedade em si, a qual sem dúvida, hoje, está mais consciente para assuntos relacionados ao meio ambiente, à preservação do ser humano em si, à transparência nas transações, etc...

É certo que hoje nos deparamos com complexas questões como se estamos presenciando o fim do emprego e o horror econômico até a superação dos problemas pela criatividade ou pela total substituição do perfil de emprego industrial pelo de serviços. Essa é a razão por que Paul Kennedy afirma que o mundo hoje está em inferioridade na comparação com a Inglaterra do século XVIII de Malthus.

Uma grande ansiedade foi gerada pela velocidade como o desemprego avançou com vigor no Ocidente nas últimas décadas e também pelas constantes necessidades de mudanças no

⁷ Carvalho, Cristina Amélia. Poder, conflito e controle nas organizações modernas. Série Apontamentos (25), Maceió: Editora UFAL, 1998. Introdução, capítulos 1, 4 e 5

mercado de trabalho. A verdade é que o dinamismo do trabalho, seja no formato emprego ou por geração autônoma de renda, tende a ser permanente, pois tudo estará em constante mudança. Com a crescente cobrança de competitividade econômica, a pressão pela eficiência é cada vez mais intensa. Tal fenômeno implica maior qualificação da mão-de-obra e na redução dos postos de trabalho. Segundo Domenico De Masi, o mundo é de muitos produtos e poucos produtores.

O que temos enfim, são correntes distintas de como os países devem se preparar para enfrentar os mercados mundiais mais exigentes, pois enquanto Paul Kennedy alega ser necessário treinar a força de trabalho para atrair mais investimento para a produção de bens materiais, De Masi defende o ócio criativo e a redução das jornadas, vislumbrando que o mundo caminha para a valorização cada vez maior dos bens não materiais.

Pórem, ambos os autores concordam que sem melhorar os padrões educacionais e sem pesados investimentos em pesquisa e desenvolvimento, o caminho, seja ele qual for, não será alcançado.

Assim como vimos anteriormente, tanto Paul Kennedy quanto Domenico De Masi publicaram seus estudos defendendo teses sobre como seria o futuro do trabalho e, consequentemente, para onde iriam as riquezas globais. Neste segundo ponto, ambos os autores deixam transparecer em suas teses que apostam no fortalecimento cada vez maior dos países ricos, em detrimento dos países em desenvolvimento ou do chamado 3º mundo.

Demonstrando esta desigualdade entre as nações, defendida por ambos os estudiosos, a pesquisa publicada pela revista Carta Capital nos diz que já é possível perceber “um novo

desenho no globo terrestre, cujas fronteiras são demarcadas não por rios, mares ou montanhas, mas pelo capital”. O globo terrestre está sendo redesenhado de acordo com a riqueza de cada país e nos mostra um mapa com linhas bem distintas daquelas que aprendemos na escola. O que vemos, na verdade, quando analisamos este novo cenário, é que o dinheiro flui cada vez mais rápido e fácil para o bolso de poucos.

De acordo com um estudo das Nações Unidas de 2003 intitulado *The Human Development Report*, “358 bilionários detêm uma riqueza que supera a renda conjunta dos países onde vive 45% da população mundial”.

De acordo com outro estudo publicado pelas Nações Unidas, o *World Investment Report*, as 200 maiores multinacionais participam com mais de um quarto do PIB mundial. E as dez principais ficam com metade dos lucros das 200 maiores. A concentração vem-se dando também em determinados países. As 100 maiores multinacionais têm suas sedes nos países ricos, mais de 30 delas nos Estados Unidos. O Japão vem aumentando o número de empresas no ranking: passaram de 11 em 1990 para 19 em 1994, principalmente pela compra de empresas eletrônicas americanas. Um quinto do fluxo das multinacionais, ou US\$ 60 bilhões, destina-se aos Estados Unidos. Em seguida, vem a Inglaterra, França e Austrália.

Segundo análises da revista “*The Economist*” (2003), o único país fora do seleto grupo do Primeiro Mundo com chances de colocar suas empresas entre as cem maiores globais é a Coreia do Sul. Cada um dos sete conglomerados do país fatura anualmente mais de US\$ 25 bilhões. A Samsung, marca conhecida em nosso mercado nacional, tem 11 fábricas em quatro países europeus.

Mas assim como mostramos anteriormente que a China está muito distante de tornar-se a nova potência mundial assumindo a hegemonia global, assim também está a Coréia do Sul em relação ao seu desenvolvimento industrial. A revista "The Economist" destaca que os Estados Unidos apoiaram o desenvolvimento da Coréia do Sul para assegurar sua posição como aliado em área estratégica cercada de comunistas e, com isto, adotando uma forte política de incentivo à exportação, a indústria coreana saiu de uma posição pior do que a do Brasil de 20 anos atrás. "Mas mesmo a Coréia tem suas fragilidades, ao depender demais do mercado externo em alguns setores específicos, como o eletroeletrônico", diz o economista José Antonio Martins.

Estes estudos nos permitem verificar a coerência de ambas as teses, de Kennedy e de De Masi no que diz respeito a continuidade, e provável aumento, da desigualdade existente entre as nações do globo terrestre, independentemente de quem esteja com a razão sobre o futuro do trabalho.

7. Conclusões do Estudo

Vamos tecer, primeiramente nesta conclusão, uma última e rápida análise a respeito do ponto que nos parece comum quanto a concentração das riquezas nos países desenvolvidos e que é, em verdade, um contra-ponto ao conceito de globalização, tão pregado nos últimos tempos, conforme veremos a seguir.

Max Gehringer (2002), executivo bem sucedido, palestrante internacional e cronista de algumas das mais importantes publicações brasileiras sobre carreiras e negócios, define a globalização do seguinte modo:

“‘Um por todos e todos por um’, diziam os três mosqueteiros – e mais o agregado D’Artagnan – na novela do francês Alexandre Dumas, pai, de 1844. Globalização é a mesma coisa, só que em maior escala: o mundo inteiro indo numa mesma direção. O termo, derivado do grego globus, ‘esfera’, surgiu a partir de artigos publicados pelo canadense Marshall McLuhan na década de 1960, em que ele antecipava o iminente surgimento de uma ‘aldeia global’: toda a humanidade formando uma única tribo, com costumes e hábitos semelhantes, influenciados pela expansão das redes de comunicação que levariam a mesma mensagem para todo o mundo no mesmo instante.”

Ora, se o mundo todo realmente caminhasse em uma única direção, poderíamos especular sobre o futuro do emprego, mas sem que isto afetasse a riqueza de uma determinada nação, pois a riqueza global estaria melhor distribuída entre todos os povos.

Notamos porém que o “fenômeno” apontado por Paul Kennedy, e que pioraria ainda mais a distribuição de riquezas no mundo por levar os países em desenvolvimento a grandes níveis de desemprego, pelo menos ainda não começou. Fábricas de gigantes multinacionais continuam sendo abertas em países em desenvolvimento, como a Nestle no Brasil⁸, pois estas buscam não apenas a tecnologia, mas a proximidade com outros fatores decisivos como matéria prima, além de continuarem a importar-se com mão de obra barata.

Ainda como um contra-ponto a tese de Kennedy, Leonard-Barton (1998) cita em seu livro depoimentos de executivos de empresas multinacionais justificando que o investimento em fábricas em países de 3º mundo não têm a mera intenção de explorar a mão de obra barata, mas sim de invadir o mercado local com os produtos e que para isto é fundamental a transferência de aptões para estes países, investindo em futuras fontes de capital intelectual, que gerarão produtos mais adaptados as condições locais.

Entretanto o próprio Leonard-Barton (1998) destaca entretanto que há inúmeras condições negativas para que as fábricas instalem-se em países sub-desenvolvidos, desde a falta de infra-estrutura em energia elétrica, estradas, portos e etc, até a “incompatibilidade entre a tecnologia e as qualificações do trabalhador”. Estes fatores poderiam corroborar com a tese de Kennedy de que os fatores para a volta das fábricas aos seus países de origem, os desenvolvidos, estariam criados.

⁸ Reportagem Publicada no Jornal “O Globo” de 27 de março de 2005

Porém, mesmo que os países desenvolvidos, ou as empresas nestes sediadas, desejassem concentrar suas fábricas em determinadas regiões apenas, estariam sujeitas estas aos riscos quanto a barreiras de exportação de tecnologia e as demandas locais, como também destaca Leonard-Barton.

O caminho defendido por Paul Kennedy parece realmente estar distante de tornar-se realidade. Todos os dias vemos notícias onde o emprego é de grande preocupação também nos países desenvolvidos, e não somente devido ao crescimento da tecnologia, mas principalmente devido a migração para países emergentes como China ou Índia. O site de informações especializado em tecnologia, ITWeb⁹, destaca em matéria publicada em 29 de março de 2005 que 43% dos profissionais de TI norte-americanos estão preocupados com o offshoring ou seja, com a “exportação de seus empregos”. Vemos assim que as corporações continuam a buscar outros caminhos que não apenas o da mecanização das atividades.

Por outro lado, é inegável que existe uma crise em relação ao trabalho que atinge a toda a sociedade, independente se os trabalhadores estão em países ricos ou em desenvolvimento. Como descrito neste estudo, há diferentes proposições sobre o futuro do trabalho, que oscilam entre o pessimismo e o otimismo, entre a corrente de que a substituição do homem pela máquina favorecerá mais o tempo livre que será utilizado de forma produtiva, e a previsão sombria de que a maquinização de quase tudo é entendida como um fator que irá nos remeter ao fim de postos de trabalho.

No mundo de mais trabalho e menos emprego as competências pessoais, a disciplina, a

⁹ <http://www.itweb.com.br/noticias/artigo.asp?xy=195137600&id=88403>

curiosidade e a obsessão de aprender continuamente são ingredientes que marcarão a passagem do tempo definido para o tempo escolhido. Esse movimento nos leva a crer que o sentido do trabalho possa novamente vir a se relacionar como uma prática libertária de seres participativos numa sociedade que busca o aprendizado, pois, conforme De Masi (2001), “através do direito ao trabalho, o homem realizou a sua condição industrial; através do direito ao ócio, o homem realizará sua condição pós-industrial.”

A diminuição da necessidade do trabalho pela otimização do tempo da máquina é a característica maior da sociedade pós-moderna ao que podemos julgar haver uma abertura de espaço para novas possibilidades de uso do tempo livre e uma retomada da autonomia no trabalho, apontando novamente para o aprendizado criativo como nas sociedades primitivas, onde o trabalho não tinha um valor central, sobre o qual todos os demais se hierarquizavam e uma gama de outros valores tomavam espaço.

Outra questão levantada sobre a manutenção do trabalho é que “para encontrar trabalho para todos os inúteis da sociedade atual, e para deixar o aparato industrial se desenvolver infinitamente, a classe operária, tal como a burguesia, deve violentar a abstinência e desenvolver infinitamente sua capacidade de consumo”(De Masi, 2001). Essa ideologia encaixa-se com a idéia de que o grande problema da produção capitalista não é mais o de encontrar produtores e aumentar sua força, mas sim o de descobrir consumidores, despertar seus desejos e criar suas necessidades.

Na sociedade industrial o ambiente de trabalho e da vida pessoal eram completamente distintos, um não poderia se justapor ao outro, agora, as relações entre o trabalho e a vida estão intimamente interligadas, principalmente para os trabalhadores que atuam em

atividades intelectuais ou tarefas flexíveis que envolvam idéias, onde o cérebro é a máquina. A formalidade do emprego consolidado na Revolução Industrial com horários, salários e atribuições definidas, cede lugar para a informalidade e a flexibilidade da Era do Conhecimento. As sucessivas transformações tecnológicas aperfeiçoaram o jogo das competências individuais. “A vida penetrou na empresa e o trabalho difundiu-se pela vida afora”. (De Masi,2001).

O tempo sem trabalho ocupa um espaço cada vez mais central na vida humana. As afirmações como “eu sou um trabalhador” ou “o trabalho dignifica o homem” estão perdendo espaço para uma identidade traçada não mais sobre o valor absoluto do trabalho, mas sobre valores baseados nos relacionamentos e numa racionalidade diferente daquela baseada no valor único do dinheiro. “É necessário reeducar a população de alta renda para que aprenda a ocioso. E é necessário reeducar a imensa massa de pobres do terceiro mundo, para que aprenda a trabalhar” (De Masi, 2001).

Se a maioria das páginas de nossa história e os inúmeros fatos a que assistimos diariamente alimentam o pessimismo levantado e defendido por Paul Kennedy em sua tese, o futuro precisa de toda a nossa criatividade, de todo o nosso otimismo, e então de todo “ócio criativo” levantado e defendido por De Masi para que o trabalho ganhe novas formas e continue existindo e expandindo-se como ao longo dos tempos.

8. Referências Bibliográficas

1. Kennedy, Paul, “Preparando para o Século XXI”, Editora Campus, 1993.
2. Arrighi, Giovanni e Silver, Beverly J., “Caos e Governabilidade No Moderno Sistema Atual”, 1ª Edição, Contraponto Editora UFRJ, 2001
3. Castells, Manuel, “A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – Volume 1 – A Sociedade em Rede”, 6ª Edição, Editora Paz e Terra, 1999
4. De Masi, Domenico, “A Globalização, o Brasil e a cultura”, Jornal O GLOBO, 12/09/2003, Caderno Economia, página 29
5. De Masi, Domenico. “O Ócio Criativo”. 4ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. 336p.
6. De Masi, Domenico. “A Sociedade Pós Industrial”, 2ª edição, Editora SENAC SP, 443p.
7. Carvalho, Cristina Amélia. Poder, conflito e controle nas organizações modernas. Série Apontamentos (25), Maceió: Editora UFAL, 1998. Introdução, capítulos 1, 4 e 5
8. REVISTA CARTA CAPITAL de 04 de setembro de 2002, Ano IX, No 205
9. Gates, Bill. “Business at the Speed of Thought”, Warner Books Inc., New York, NY, USA, 444p.
10. Leonard-Barton, Dorothy. “Nascentes do Saber”, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1ª edição, 1998, 367p.
11. site: <http://www.indexmundi.com>
12. Reportagem Publicada no Jornal “O Globo” de 11 de maio de 2004
13. Reportagem Publicada no Jornal “O Globo” de 27 de março de 2005
14. The Human Development Report, Organização das Nações Unidas, 2003

- 15. Revista “The.Economist”, edição de 28 de setembro de 2003
- 16. Gehringer, Max. “Big Max – Vocabulário Corporativo, Negócio Editora, 2002, 213p.
- 17. Reportagem publicada no site: <http://www.itweb.com.br/noticias/artigo.asp?xy=195137600&id=88403>